

Um olhar intertextual em: “Navegar é preciso, viver não é preciso”

Cadernos de
Pós-Graduação
em Letras

Edgard Belle

*Aluno do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras da
Universidade Presbiteriana Mackenzie*

RESUMO

O processo intertextual e dialógico na constituição da idéia “Navegar é preciso, viver não é preciso.” em diferentes contextualizações dentro de sua existência histórica.

Palavras-chave: Intertextualidade. Dialogismo.

Diretamente temos como objetivo, demonstrar um pouco do que tem sido conhecida por intertextualidade, um processo lingüístico, e porque não também de construção da chamada Cultura Humana, onde pequenos fragmentos fundem-se fazendo um todo muito maior que o somatório das partes antes envolvidas. Assim sendo, poderíamos tomar quaisquer “sentidos ou fragmentos” (JENNY, 1979, p. 5), que de alguma forma, seja pelo código utilizado ou pelo conteúdo apresentado estaríamos fazendo um exercício intertextual. A questão assim caberia na profundidade de imersão contida no “decodificador”, entendendo-o não como um simples decifrador fonético, mas, sobretudo, como um integrador e “reconstituído” de sentido(s) (JENNY, 1979, p. 6). A intertextualidade está assim ligada ao “conhecimento de mundo”, que deve ser compartilhado, ou seja, comum ao produtor e ao receptor de textos.

Arriscaríamos dizer que, deste ângulo, a questão ganha uma perspectiva praticamente infinita, o que poderia para muitos teóricos, adversos à questão semiótica, soar pelo excesso de subjetivismo como impreciso e pouco “acadêmico”. Mas o que seríamos nós, amantes e estudiosos da Arte, sem a fonte simbólica? Certamente, prisioneiros platônicos diante de um universo unifocal.

Teóricos costumam identificar tipos de intertextualidade 2 (KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 88-89), entre os quais se destacam:



MACKENZIE

- O conteúdo (por exemplo, matérias jornalísticas que se reportam a notícias veiculadas anteriormente na imprensa falada e/ou escrita: textos literários ou não-literários que se referem a temas ou assuntos contidos em outros textos etc.). Podem ser explícitos (citações entre aspas, com ou sem indicação da fonte) ou implícitos (paráfrases, paródias etc.);
- O caráter formal, que pode ou não, estar ligado à tipologia textual como, por exemplo, textos que “imitam” a linguagem bíblica, jurídica, linguagem de relatório, etc. ou que procuram imitar o estilo de um autor³ (cf. texto *Grande sertão veredas*, de Paulo Leminski, publicado em *A Folha de S. Paulo*, e reproduzido em KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 89-90), em que o autor comenta o seriado da TV Globo, baseado no livro de Guimarães Rosa, procurando manter a linguagem e o estilo do escritor) (LEMINSKI apud KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 89-90).

O ponto escolhido para esta viagem é uma das mais belas frases que habita os escritos de Fernando Pessoa e como veremos, tem não só por ele, mas por todo o traçado desenvolvido de forma simplória, neste nosso trabalho, o delineio de um pensamento. Entende-se aqui, pensamento, como um conjunto maior representando quase que uma postura paradigmática. Este acréscimo é importante, pois através deste substancial ganho dá-se o justo e devido valor não só a Pessoa como também a todos, que a resvalaram fazendo-a cada vez maior e, com certeza, eterna.

Segundo Laurent Jenny (1979, p. 23) “o problema da intertextualidade é fazer caber vários textos em um só, sem que se destruam mutuamente [...]”. Em primeira instância, poderia fazer parecer, que intertextualizar significaria apenas um permanecer de idéias, o que colocaria em jogo a definição de dialogismo Bakhtiniano (CLARK; HOLQUIST, 1988, p. 125). Dialogar é muito mais que simplesmente repetir. Num diálogo real e honesto, há necessariamente um pulo de idéias e uma aquisição às partes envolvidas. Desta forma, temos que, muitas vezes, fazer deslocar o eixo central (sem corromper estruturas fundamentais) para que possamos contextualizar e compreender o diálogo subjacente, e é nesta perspectiva que deixamos aqui nossa contribuição e nosso “sistema”, se é que se possa chamar assim, o “desnovelamento” de nosso processo.

Tudo teve início com a música *Mar de Gente* do grupo carioca *O Rappa* (2003), que tem em seu repertório uma conotação sócio-existencialista. Isso vem de encontro a um problema ontológico em filosofia: o problema do ser de uma híbrida tanto musical como filosoficamente dar formato à discussão de “[...] como são por nós, do nada, tiradas dos objetos sua imagem e sensação [...]” (BOCHENSKI, 1977, p. 89). Em um exato momento da música, lê-se (canta-se) o seguinte verso: *Navegar é preciso*. Naquele exato momento estabelece-se uma ligação, aquilo que chamamos de dialogismo se efetivou de uma forma tão clara que mentalmente um nome pairou uníssono sobre nossos pensamentos – Fernando Pessoa (2004, p. 841, grifo nosso) “Navegar é preciso, viver não é preciso”.



Navegar é preciso - Fernando Pessoa

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
“*Navegar é preciso; viver não é preciso*”.

Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

A música *Mar de gente* em sua íntegra: (grifos nossos)

Brindo à casa
Brindo à vida
Meus amores
Minha família

Atirei-me ao mar
Mar de gente
onde eu mergulho
sem receio
Mar de gente
Onde eu me sinto
por inteiro

Eu acordo com uma
ressaca guerra
Explode na cabeça
e me rendo
a um milagroso dia
Essa é a luz que
eu preciso
luz que ilumina a cria
e nos dá juízo

voltar com a *maré*
sem se distrair
Tristeza e pesar
sem se entregar
Mal, mal vai passar
mal vou me abalar



Esperança
verdades de criança
Um momento bom
Como lembrança
Navegar é preciso
Se não a rotina te cansa

Interesses na babilônia
nevoeiro
Poços em chamas
tiram proveito
Passa
É passageiro
Arte ainda se
mostra primeiro
Uma onda segue
a outra assim o mar
olha pro mundo

De uma forma, considerando o texto de Fernando Pessoa aumentou-se em sentido e significação, a canção *Mar de Gente*. Adiantamos também que, estamos longe em nosso texto, de tentar criar ou expandir horizontes inovadores sobre Fernando Pessoa. Temos sim, o desejo de tentar traçar elos que nos serão úteis para disposição já anteriormente anunciada. Deixando as demais considerações aos devidos especialistas.

Como efeito dramático começamos nossas inferências não pelo primeiro, mas pelo segundo grifo nosso:

“Viver não é necessário; o que é necessário é criar”(FP)

Na verdade, fica clara uma adaptação neste verso, ou seja, o poeta tenta fazer caber ao seu “eu” e porque não ao seu metiê o pensamento anterior: “Navegar é preciso; viver não é preciso”. Para ele maior que a necessidade da própria vida é a da criação e sabemos que, por definição, o ato de criar é um ato artístico, que o coloca definitivamente em paralelo com o texto do Rappa.

Para o segundo plano colocamos um trecho interessante de Pessoa, onde ele coloca a predisposição ao sacrifício próprio para atingir o seu intento :

“ ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo”

Segue-se ainda:

“Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha”

Certamente, neste ponto, o poeta deixa clara uma atitude universalista, na medida que tenciona perder-se individualmente para ter-se ao todo. Sem dúvida ne-



nhuma, um prato cheio para uma discussão de ordem literária ou filosófica, mas que por questões de objetivação teremos que nos antepor. Na verdade, o que queremos salientar é que todo o texto tem um cunho “altruísta”, o eu em detrimento do outro ou a “minha visão” em detrimento a todas as outras. Mas mesmo sendo assim, polêmica, nada mais é que um brado de coragem e resignação.

“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

No caso do conjunto O RAPPA, a coisa também se forma de maneira muito semelhante, pois na quinta estrofe é colocada a seguinte frase:

“[...] Navegar é preciso [...]”

Ao observador comum este fato poderia nem ser notado ou ser considerado uma mera coincidência, mas acreditamos que na cultura humana nada pode ser considerado um fato isolado. Neste ponto, detemo-nos a uma análise mais detalhada e com ela alguns fatos interessantes aparecem. Um deles é o da segunda estrofe possuir um campo lexical semelhante – marítimo.

Atirei-me ao mar
Mar de gente
onde eu mergulho
sem receio
Mar de gente
Onde eu me sinto
por inteiro

Na quarta estrofe temos outras assim chamadas “peculiaridades” que podem ser citadas como:

- presença do mar (sob forma de maré)
- sinais de perseverança (guia mestra do pensamento que nos propiciará um grande eixo para o nosso estudo).

voltar com a maré
sem se distrair
Tristeza e pesar
sem se entregar
Mal, mal vai passar
mal vou me abalar

Depois disto, temos pelos compositores uma seqüência de fatos e fatores positivos fechados com chave de ouro pela nossa máxima:

Esperança
verdades de criança
Um momento bom
Como lembrança
Navegar é preciso
Se não a rotina te cansa



Temos então, na última estrofe, um vôo imaginativo, onde várias imagens se fundem contribuindo para a formação de um estado de espírito seguido de uma máxima e um reforço à mensagem de força e energia.

Interesses na babilônia
nevoeiro
Poços em chamas
tiram proveito
Passa
É passageiro
Arte ainda se
mostra primeiro
Uma onda segue
a outra assim o mar
olha pro mundo

Observemos atentamente lado a lado:

“Viver não é necessário; o que é necessário é criar” (PESSOA, 2004)

“Passa...É passageiro...Arte ainda se mostra primeiro [...]” (ORAPPA, 2003)

Mas o que primeiro nos chamou a atenção e que tínhamos deixado de lado como critério de dramaticidade e iniciados pelo segundo grifo, é a idéia de todo o verso de Fernando Pessoa estar entre aspas.

Voltamos então a todo o jogo intertextual, agora em um caso claro e específico que podemos ater-nos pelas aspas como uma citação e tudo o que por si só significa. O caso se complicaria, pois não há nenhuma referência bibliográfica além daquela colocada no próprio texto que diz:

“Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:”

A pesquisa então teve início em povos com tradições marítimas, e num destes pensamentos lembramo-nos da ligação dos escritos do poeta Fernando Pessoa com a idéia de um Portugal grandioso e da menção do Quinto Império (PESSOA, 2001, p. 60). Este abriu uma porta gigantesca, que nos remeteu a um universo de dados confusos e desordenados, ganhando ordenação através do sítio oficial da Marinha de Portugal. Nossa idéia mãe era tida como lema na grandiosa “Escola de Sagres”, a primeira escola organizada de navegação marítima no mundo. “O “Infante D. Henrique fixa-se em Sagres, na Vila do Infante, rodeia-se de mestres nas artes e ciências ligadas à navegação e cria uma Terceira Naval a que é comum chamar-se a Escola de Sagres. De fato, o que se criou não foi uma Escola no moderno conceito da palavra, mas um local de reunião de mareantes e cientistas onde, aproveitando a ciência dos doutores e a prática de hábeis marinheiros, desenvolveram-se novos métodos de navegar, desenharam cartas e adaptaram navios”¹, que entre outras coisas fizeram com que fossem desenvolvidas técnicas e a posterior descoberta do Novo Mundo.



Mesmo sendo pertinente à questão da Escola de Sagres algo nos afligia como estudiosos. O fato, além do faro científico, era o vocábulo utilizado por Pessoa, pois não nos parecia muito conveniente a utilização do termo qualificador “antigo” à Renascença, pelo amplo conhecimento do referido autor aos chamados clássicos, pareceu-nos estar ligado à cultura Greco-Romana. Em revista a dicionários de expressões gregas e latinas nos surge uma referência. O pensamento em questão é de autoria de Pompeu, um general romano que viveu entre 106-48 a.C., sendo pronunciada aos seus soldados que em meio a uma tempestade estavam temerosos por suas vidas. Esta frase ficou famosa pelo trabalho não de Pompeu, e sim de um estudioso e biógrafo de nome Plutarco (RIBEIRO, 2004), mesmo sendo escrita em grego sua forma eternizada é latina e tinha o seguinte formato:

“Navigare necesse; vivere non est necesse”

Assim está no brasão de Hamburgo, cidade portuária alemã, antiga sede da Liga Hanseática (LE GOFF, 1994).

Tendo voltado praticamente dois mil anos no tempo, e tendo encontrado o que se parece ser a origem de nossa idéia, surgem dados novos que não estavam sendo contabilizados até então, um comentário:

“Ler é Preciso”.

No primeiro momento, um tanto quanto distante daquilo que de início nos propusemos, mas alterando profundamente o faro “acadêmico de pesquisa” fomos atrás desta frase e do que se encontrava ao seu entorno. Não foi tão surpreendente ter tal palavra vinculada pelo Jornalista Cláudio Humberto (2004) no Jornal *O Dia*, de Brasília, dizendo que no mês de agosto do ano corrente, o Presidente da República havia citado a máxima, centro de nossa pesquisa como música do Chico Buarque. O Jornalista em questão criava uma paródia interessante em sua matéria:

“Ler é preciso..”

Em um tom irônico o autor da matéria destacava que, somando-se à carga inicial de nossa máxima, acrescentava-a a idéia que no caso do nosso presidente a idéia de ler era também de fundamental importância.

Compreendemos o peso desta ferina crítica após consultarmos o sítio oficial da Presidência da República onde encontramos o referido pronunciamento na íntegra e encontra-se textualmente:

“Eu poderia citar Ulysses Guimarães no discurso que ele fez na famosa campanha em 1974, a campanha da resistência, em que ele proferiu uma frase de uma música que talvez seja do Chico, mas cantada pelo Caetano, que dizia: navegar é preciso”²².



Observando a colocação não se observa nenhuma distorção, mas tendo nos-
sas colocações como partida, alguns detalhes se fazem interessantes ou equivocados:

- 1 O citar de Ulysses Guimarães (importante político brasileiro já falecido)
- 2 O pensamento completo não se limita a “Navegar é preciso”, o que poderia acarretar uma distorção da intenção original dando uma visão mais eufemística.
- 3 O presidente faz uma ligação autoral a Chico, que evidentemente é Chico Buarque e que seria cantada por Caetano (Caetano Veloso), o que se demonstrou incorreto, pois a música não foi composta por Chico Buarque.

Destes fatos consegue-se então depreender a crítica de Cláudio Humberto já mencionada e a sua colocação do ... “Ler é preciso” e nos atirou em outra busca, a da tal música popular brasileira contendo nossa máxima. Não muito distante, cronologicamente falando, a achamos:

Os Argonautas - Letra e música: Caetano Veloso (1968, grifo nosso)

O barco
Meu coração não agüenta
Tanta tormenta, alegria
Meu coração não contenta
O dia
O marco
Meu coração
O porto
Não

Navegar é preciso
Viver
Não é preciso

O barco
Noite no teu tão bonito
Sorriso solto, perdido
Horizonte e madrugada
O riso
O arco
Da madrugada
O porto
Nada

Navegar...

O barco
O automóvel brilhante
O trilho solto, barulho
Do meu dente em tua veia
O sangue
O charco
Barulho lento
O porto
Silêncio

Navegar...



Mais uma vez, dentro de toda uma extensão significativa, encontramos por exemplo, na primeira estrofe a utilização de um campo lexical marítimo como termos: barco, tormenta, porto; além de nossa máxima devidamente destacada. Não temos dados para conferir a fonte que Caetano Veloso utilizou para a sua incorporação, mas conhecendo seu trabalho quase que poderíamos inferir que sua fonte tem um nome: Fernando Pessoa.

Restou-nos do discurso presidencial a referência Ulysses Guimarães, que com certeza nesta altura não poderia de forma nenhuma ser ignorada. Esta busca foi complexa, pois nos anais do Congresso Federal não foram encontrados vestígios do nosso foco de interesse, pois o mesmo não dispõe de ferramentas de busca “inteligentes” deixando-nos com o trabalho de leitura integral de todos os seus pronunciamentos e que destacamos nada encontraram. Mas o fato que sobressai é a menção da campanha de 1974 e foi aí que tudo se deu, pois por ser no período da vigência da chamada “ditadura militar” não era difícil de compreender a sua ausência nos anais do Congresso Federal.

Dirigimos nossa busca então ao partido político que Ulysses Guimarães pertencia, o MDB. E fora trilhando esta fonte que chegamos a Fundação Ulysses Guimarães ligada ao PMDB que possuía por nossa felicidade o ansiado discurso de 1974³. Deste longo, precioso e emocionante discurso extraímos o seu final que transcrevemos a seguir:

No cais alvoroçado, nossos opositores, como o Velho do Restelo*** de todas as epopeias, com sua voz de Cassandra e seu olhar derrotista, sussurram as excelências do imobilismo e invencibilidade do establishment. Conjuram que é hora de fiar e não de se aventurar.

Mas no episódio, nossa carta de marear não é de Camões e sim de Fernando Pessoa ao recordar o brado:

“Navegar é preciso, Viver não é preciso”.

Posto hoje no alto da gávea, espero em Deus que em breve possa gritar ao povo Brasileiro: Alvíssaras, meu capitão. Terra à vista!

Sem sombra, medo e pesadelo, à vista a terra limpa e abençoada da liberdade (GUIMARÃES, 1973).

O Colégio Eleitoral era constituído pela totalidade dos 66 senadores, 310 deputados e 132 representantes das maiorias das assembleias legislativas, seis por estado. Total: 508 votos. O placar já estava escrito. O Governo, por meio do partido oficial, contava com 223 deputados, 59 senadores e controlava as assembleias legislativas de 21 dos 22 estados, ou seja, contava com 408 dos 508 votos do Colégio Eleitoral” (GUTEMBERG, 1994, p. 115).

Uma verdadeira farsa política. Ulysses sempre explicara, extra oficialmente, que atribuía a duas fontes distintas a influência da citação em seu discurso.



Uma delas era o “efeito desafiador que sempre observou, desde criança, quando se cantavam os versos de Evaristo da Veiga para a melodia atribuída a Dom Pedro I, para o Hino da Independência:”

“O ficar a Pátria livre,
ou morrer pelo Brasil.”

A outra influência era o sucesso e forte execução radiofônica que a Música de Caetano Veloso obtinha naquele momento. Pensando desta forma, nosso político intertextualizou alguns fatores: Hino Nacional + Caetano Veloso + Situação Política Nacional, concretizando assim uma verdadeira obra prima discursiva. Uma menção interessante é a do velho do Restelo (bairro lisboeta as margens do Tejo) que será trabalhada posteriormente em nossas considerações finais. Como já tínhamos colocado, nossa idéia base se manifestou em dois momentos por nós destacados:

- Mar de Gente (O Rappa)
- Os Argonautas (Caetano Veloso)

Acrescentamos mais um elemento:

- Eu e a Tábua (Gabriel, o pensador)

Onde mais uma vez há repetição do aspecto marítimo acrescentado de todo um corpo significativo de luta e combate e todo aquele acréscimo de campo lexical, certamente um exemplo significativo da utilização em forma atual nosso pensamento clássico.

Gabriel, o pensador (letra e música) – Eu e a tábua: (grifo nosso)

“Pelo menos em algum lugar eu me sinto em paz Longe dos problemas banais Preciso respirar um pouco *Navegar é preciso*, senão eu fico louco *A maré não tá pra peixe lá fora do mar Mas quem tá na água é pra se molhar E eu vou em frente Remando contra a corrente Só pra exercitar*” (Gabriel, O pensador, 2003).

Nossa imersão ainda trouxe outros dados e indagações. Um deles, por exemplo, é a sua meia utilização: *Navegar é preciso*, que agora se dá em um contexto atual. Poderíamos sincronizar com o advento da Rede Mundial de Computadores – A Internet. Não são necessárias muitas explicações para o entendimento da questão, pois o termo navegação é colocado comumente em termos cibernéticos por quase a totalidade dos usuários. Esta colocação traz um outro fenômeno, mas ainda conserva uma parte da significação. Navegar é colocado como ponto ainda fundamental, mas o meio em que se dá não é mais em meio aquático e sim eletrônico. Um exemplo disso pode ser os diversos processos de inclusão digital existentes pelo Brasil afora. O candidato destas últimas eleições na cidade de Campos pelo PDT, Carlos Campista, tinha entre suas bases educacionais “construir mais creches, criar centros de excelência e recuperar prédios. Dar continuidade ao projeto de inclusão digital **Navegar é Preciso**, garantir merenda e a distribuição de material didático” (HUMBERTO , 2004).



Assim também se dá inúmeras outras, desde artigos econômicos com títulos instigantes como “*Navegar e entender o orçamento é preciso*” de Denise Cristina Corrêa da Rocha (2004).

Como antecipado em nossa introdução, todo o escopo de nosso trabalho visou demonstrar mais do que um simples aspecto intertextual, mas sim o procedimento quase “didático” em que fora traçado.

“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Este pensamento foi introduzido por Pompeu e eternizado na escrituração de Plutarco, formado em um contexto bélico queria demonstrar que acima de todas as dificuldades nossos objetivos deveriam estar em primeiro plano. Desta feita, a vida nada mais seria que um instrumento para a solidificação desta “coisa” maior.

Entre este pensamento e nosso posterior deslumbre, com Fernando Pessoa, deram-se quase dois mil anos e a expressão se torna ainda uma força sobre a simples vida biológica. Aqui não mais se vê a vitória em um campo de batalha como ente primeiro, mas o “ato de criar, consumindo até o corpo e alma daquele que se dispõe à arte. Este mesmo ato de criar que é ressaltado pelo conjunto O Rappa ante a mesmice e dificuldades do mar revolto do dia-a-dia. A criação de alguma forma liberta é a forma de vitória que se estabelece na mente de um guerreiro, que agora ganha o adjetivo de urbano, que discorre também entre as palavras de Gabriel, o pensador, ou talvez metafórico e sensual de Caetano Veloso.

É claro que em alguns momentos nossa idéia ganhou uma proximidade maior da inicial, e assim tivemos no discurso de Ulisses Guimarães quando se indis põe com todo o processo ditatorial militar brasileiro, e assim dispõe novamente ao compus de batalha da diplomacia e da política, suas moedas. Lutando desta maneira contra as dificuldades ou mau agouro do atraso e do continuísmo do “Velho do Restelo” (CAMÕES, 1988).

Temos, também, o “mastigamento” das palavras e idéias, que de uma forma é um dos processos humanos constituidores de novas idéias e sentidos e que como no discurso Presidencial, de uma forma ou de outra, fez-se compreender, fim básico de todo processo comunicativo.

Agora, tendo descoberto quase todos os mistérios do nosso globo terrestre, faz-se uma mutação e o navegar terrestre prolifera-se em internético. Agora navegar é ater-se a uma sala segura coberta de dispositivos de conforto onde as aventuras ou descobertas se dão através de um novo tipo de experiência cognitiva. Onde o preço pago “quase sempre” nunca lhe custará a vida.

Mudam-se os campos, mas as batalhas, que são a essência da própria vida, mantêm-se intactas, pois de alguma forma elas constituem nossa alma. Campos abertos para descobertas sempre se colocarão a nossa frente e de forma instintiva o ente humano responderá de forma curiosa e audaz, enfrentando novos mares nem que este esteja dentro de si próprio.



An intertextual look at “Navegar é preciso, viver não é preciso”

ABSTRACT

The dialogal and intertextual process in the constitution of the Idea “Navigate is needful, live isn't needful”, in different contexts inside of your historical existence.

Keywords: Intertextual. Dialogism.

NOTAS

¹ Marinha de Portugal 2004. Disponível em: <http://www.marinha.pt/Marinha/PT/Menu/DescobrirMarinha/Historia/historiamarinha/Criacao_Escola_Sagres.htm> Portugal>.

² Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. Brasília, DF, 4 de agosto de 2004. Disponível no Sítio Eletrônico da Presidência da República.

³ Fundação Ulysses Guimarães. 2004. Disponível em: <<http://www.fugpmdb.org.br/>>.

REFERÊNCIAS

BOCHENSK, Innocentius Marie. *Diretrizes do pensamento filosófico*. Tradução: Alfred Simon. 6. ed, São Paulo: EPU, 1977.

CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas. Reimpressão fac-similada da 1. ed. dos Os Lusíadas, de 1572. Com um prefácio do Dr. José Maria Rodrigues. Lisboa, 1988.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Organização de Maria Aliete Galhoz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

GUIMARÃES, Ulysses. Discurso como presidente nacional do MDB, quando da aceitação de sua candidatura a Presidente da República. Brasília, DF, 1973. Separata da Série Perfis Parlamentares, n. 44.

GUTEMBERG, Luíz. *Moisés*: codinome Ulysses Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUMBERTO, Cláudio. Programa de governo – Carlos Campista. *O Dia*, Brasília, DF, ano6, n. 2287, 6 ago. 2004. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/sites/eleicoes2004/campos/perfil_carloscampista.htm>.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: _____. *Intertextualidades*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979. p. 232. (Poétique, n. 27).

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.

LE GOFF, Jacques. Realidades sociais e códigos ideológicos no início do século XIII: um exemplum de Jacques de Vitry sobre os torneios. In: _____. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.



MARITAIN, Jacques. *Introdução geral à Filosofia*. Tradução: Ilza de Oliveira e Heloiza de Oliveira Pentead. 9. ed. Rio de Janeiro: Agir. 1970.

O RAPP. *O silêncio Q precede o esporro*. Manaus: Warner Music do Brasil, 2003.

RIBEIRO, Wilson. *A coletânea sobre história grega*. 2004. Disponível em: <<http://www.warj.med.br/his/hisO2f.arp>>.

ROCHA, Denise Cristina Corrêa da. *Navegar e entender o orçamento é preciso*. Brasília, DF: INESC, 2004.

VELOSO, Caetano. *Minha carreira*. 1968. Disponível em: <http://www.caetanoveloso.com.br/sec_busca.php?language=pt_BRhf-busca=os+argonautas>.



MACKENZIE

103